

## CHARGES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: propostas de atividade que ensinam letrando

Cindy Michelle da Silva<sup>1</sup> – [cindy.michelle.silva@gmail.com](mailto:cindy.michelle.silva@gmail.com)  
Kênia Mara de Freitas Siqueira<sup>2</sup> – [keniamara@hotmail.com](mailto:keniamara@hotmail.com)

### Introdução

Com o desenvolvimento do conhecimento através de pesquisas, a Educação, ao longo do tempo, tem desenvolvido novas propostas pedagógicas que promovem maior conscientização por parte do aluno, de forma a desenvolver sua criticidade.

Os estudos de Soares (1993) e Kleiman (2005) são aqui utilizados para definir letramento, visto que as atividades pedagógicas propostas neste trabalho têm por objetivo promover o letramento dos alunos por meio da reflexão. Já os estudos de Bakhtin (1997) e Marchuschi (2003), sobre gêneros textuais são utilizados para mostrar a complexidade e diversidade das charges e histórias em quadrinhos e sua vinculação com as situações sociocomunicativas em sala de aula.

Tenta-se contribuir para os estudos de letramento e gênero textual – especificamente histórias em quadrinhos (em razão de sua popularidade) e charges (em razão da crítica político social que propõe). Ambos os gêneros possuem o aspecto visual que chama atenção do aluno e por isso podem ser bem aproveitados, de forma a promover reflexão e compreensão da mensagem proposta no texto. Para tanto, propõe-se uma discussão teórica sobre tais conteúdos de forma a incentivar professores a desenvolverem, em sala de aula, com seus alunos, atividades de cunho teórico-reflexivo, por meio do uso de charges e histórias em quadrinhos (HQs).

### Revisão Bibliográfica

Para entender a necessidade de criação do termo “letramento”, é preciso considerar sua relação com o termo “alfabetização”. Soares (1993, p. 55) afirma que

até a década de 40, o formulário do Censo definia o indivíduo como analfabeto ou alfabetizado perguntando-lhe se sabia assinar o nome: as condições culturais, sociais e políticas do país, até então, não exigiam muito mais que isso de grande parte da

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO).

<sup>2</sup> Professora do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO).

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

população. As pessoas aprendiam a desenhar o nome, apenas para poder votar ou assinar um contrato de trabalho.

Após os anos 1940, a mudança das condições socioeconômicas reconheceu outro perfil de cidadão e profissional: surgiu, assim, a necessidade de se usar um termo que se referisse aos usos de leitura e escrita, pois o termo “alfabetizado” já não era suficiente para caracterizar esse novo sujeito. O Censo mudou, então, a pergunta feita à população. Não bastava mais saber escrever o próprio nome; para ser considerado alfabetizado era necessário saber ler e escrever um bilhete simples. Nota-se a mudança no conceito de “ser alfabetizado”, pois, com uma exigência maior, preocupou-se mais com os “usos sociais da escrita” (SOARES, 1993).

Completando essa ideia com as palavras de Kleiman (2005, p. 21), é possível afirmar que: “ emergiu, então, na literatura especializada, o termo letramento, para se referir a um conjunto de práticas de uso da escrita que vinha modificando profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém”.

É indispensável refletir, então, sobre a necessidade de não só ensinar a tecnologia da leitura e da escrita (alfabetização), mas de proporcionar ao indivíduo o conhecimento mais amplo acerca dos usos da língua escrita para que ele possa fazer uso dessas práticas sociais (letramento) e, assim, tornar-se um sujeito crítico que intervém e se envolve nos problemas sociais de seu grupo.

Foi por acreditar nisso que surgiu o interesse de estudar atividades que estimulassem o pensamento crítico e reflexivo do aluno, no desenvolvimento de sua formação letrada. Para alcançar esse objetivo, escolheu-se observar tais atividades especificamente a partir do uso de dois gêneros textuais, HQs e charge.

Assume-se neste trabalho o termo “gênero textual” de acordo com os estudos de Bakhtin (1997). Para o filósofo russo, toda atividade humana, em todas as suas esferas, tem relação com o uso da língua que os falantes fazem. Em função disso, é possível perceber que o modo como a língua é utilizada é também bastante variado e se efetua em enunciados orais e escritos, que podem ser mais simples (primários) ou complexos (secundários). Para cada situação, haverá a criação de enunciados que estejam de acordo com o objetivo comunicativo para os falantes conseguirem se expressar da forma que desejam. “Cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAHTIN, 1997, p. 179, grifos do autor).

Os gêneros são, assim, inúmeros, dadas a complexidade da comunicação humana e a variada gama de possibilidades de enunciados para atender a inúmeros propósitos comunicativos (convencer, emocionar, intimidar).

A noção de gêneros torna-se ainda mais importante quando se trata de ensino. É necessário que o aluno compreenda de que gênero se trata, qual a função dele, sua composição, em que esfera foi utilizado, com que objetivo, se seu uso está correto para certas

situações. Por essa razão, sugere-se que o professor trabalhe bem a conceituação de gêneros textuais antes de estudá-los em suas especificidades.

Sobre o gênero HQs, pode-se afirmar que este existe há muito tempo, pois a narração de fatos por meio de imagens já era feita na Pré-História, nas paredes das cavernas. No Egito, havia os hieróglifos; na Idade Média as tapeçarias.

As HQs contemporâneas, passaram por mudanças ao longo dos anos em relação à sua organização, à utilização das falas, ao suporte. As histórias foram se modificando com o tempo, o balão de falas foi acrescentado e o conflito foi inventado. Havia tanto histórias infantis quanto de humor, de crítica a tipos humanos, de aventura etc. Ao longo do tempo, as cores, o traço, a estética e o humor foram se aprimorando.

Sobre a charge, é possível afirmar que ela surgiu no início do século XIX, na França, quando se criaram desenhos caricatos que criticavam governos e políticos. Esses desenhos expressavam uma situação da época e para entendê-los hoje é necessário conhecer o contexto dentro do qual foram produzidos.

Mesmo após tanto tempo, a charge ainda é um gênero textual atual

seu conteúdo sobre o real, bem humorado, intertextualizado com seu significado [...] refinado por ironias, metáforas, comparações, todas bem construídas, que delineiam os aspectos polêmicos e informativos da charge, e a torna poderoso veículo de comunicação. [...] A importância que a charge alavancou para si, atravessando séculos, firmando-se em meio a tantas mudanças sócio-históricas é de suma relevância para o que pouco entendemos de literatura na nossa atual conjuntura estética: é construir paródias de realidades que aí estão, aguçando o senso do humor, da crítica e transcendendo fatos além de si mesmos, gerando reflexão, uma ligação entre o real -a situação retratada pela charge - e o imaginário, nas possíveis releituras e significações que podem surgir ao se ler uma charge [...] (FERREIRA, 2006, p. 39-40).

Estabelecidos os conceitos de letramento e gênero textual (especificamente HQs e charge), é possível analisar e desenvolver atividades com a intenção de ampliar a capacidade crítico-reflexiva do aluno, uma vez que, ao lhe dar voz nessas atividades, o aluno ativará seus conhecimentos para compor propostas de intervenção de situações complexas, o que exige muita reflexão.

## Metodologia

As propostas de atividade desse estudo se centram nas “formas de orientar a leitura crítica”, propostas por Cafiero (2010) em seu artigo “Letramentos e leitura: formando leitores críticos”. Elas se destinam ao Ensino Médio, mas podem ser usadas, sob orientação, no Ensino Fundamental.

Nesta pesquisa, foram propostas quatro atividades com charge e quatro com histórias em quadrinhos, além de sugestões de como analisá-las e de propostas de intervenção – lembrando que análises são, em parte, subjetivas e que, por isso, aqui se encoraja o leitor a buscar novos sentidos.

Para ilustrar este trabalho, optou-se por apresentar brevemente uma proposta de atividade desenvolvida com uma charge retirada do site Humortadela (2013).



Figura 1 – Charge sobre saúde  
Fonte: Humortadela (2013).

A partir da análise da charge, é possível observar, com a ajuda do aluno, a conservação do local onde médico e paciente se encontram: o estado da porta do armário, das cadeiras; considerar o aparente estado do paciente, cansado, provavelmente de esperar na fila de atendimento; analisar a fala do médico que denuncia a falta de material de trabalho; questionar aos alunos se eles já passaram por uma situação parecida, se já se depararam com um hospital com a estrutura velha, sem reforma, com falta de material, filas imensas etc.

Como proposta de intervenção, sugere-se que os alunos escrevam uma carta de solicitação para o secretário de saúde pública da cidade, pedindo que melhore certos aspectos na saúde. Depois, as cartas poderiam ser enviadas, realmente, para a Secretaria de Saúde da cidade, como forma de relacionar as atividades criadas na escola com a vida real.

Uma vez que o espaço aqui oferecido não comporta a extensão de toda as análises feitas neste trabalho, espera-se que com a revisão de literatura aqui apresentada e a sugestão de uso desses gêneros textuais para captar a atenção e o interesse dos alunos.

## Conclusões

Apesar de importante, o conceito de letramento e as discussões em torno de suas práticas são ainda incipientes. Em função disso, por muitos anos a preocupação com a leitura crítica, a intervenção do leitor fazendo relações entre textos não receberam a atenção devida. A partir das discussões levantadas em torno do conceito letramento, é possível repensar a prática docente, a função da escola, as concepções de língua que norteiam o trabalho do professor, os objetivos pretendidos, as atividades linguísticas aplicadas e sua relação com as práticas sociais a elas vinculadas, as discussões feitas em sala.

As reflexões proporcionadas com os estudos de gêneros textuais também contribuem muito para certa mudança no ensino, pois veem a língua na perspectiva de suas funções sociais, como na prática do ensino da produção de texto, das funções sociodiscursivas dos gêneros e uma necessidade para a utilização mais consciente da língua quando se trata dos inúmeros gêneros textuais.

As propostas textuais que surgiram na composição desta pesquisa, e que aqui foram ilustradas pela análise da charge do Humortadela (2013), constituem uma tentativa de contribuir com o avanço da educação crítica e promotora de conscientização. Mostram que é simples a promoção desse tipo de exercício e que o professor pode, na sua prática, de forma simples até, promover o letramento com discussões, perguntas que levem o aluno a refletir – a ponto de sugerir mudanças – sobre sua prática como pessoa e sobre as relações de poder nas quais está envolvido, seja como cidadão, como aluno, filho.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAFIERO, Delaine. Letramentos e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (Coord.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FERREIRA, Edilaine Gonçalves. **Charge: uma abordagem parodística da Realidade**. 2006. 78f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Cultura e Discurso, ênfase a Textualidades Contemporâneas)– Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações, Minas Gerais.

HUMORTADELA. **Charge sobre saúde**. Charge. Disponível em: <<http://www.humortadela.com.br/charges/33070>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS DE ANÁPOLIS

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel – Unicamp; MEC, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1993.